

RENA KORNREICH GELISSEN
com Heather Dune Macadam

AS IRMÃS
DE AUSCHWITZ

Tradução de
Alexandra Cardoso

alma
dos
livros

Queridos Mamã e Papá:
Este livro é para vocês.
Durante cinquenta anos tenho-vos contado esta história
na minha cabeça. Agora, está finalmente escrita
e já não preciso de a contar.
Com amor, Rena



E para Danka:
Sem ti não haveria história.

Love
Rena

*Os seres humanos são mais semelhantes do que diferentes.
E nenhum ser humano pode ser mais humano do que outro.*

Maya Angelou



Levítico 19:33-34

Quando um estrangeiro viver convosco na vossa terra não o maltratem.

וב לפטת לא דצראב דתיא רג רזשכ

*O estrangeiro que viver convosco será como um natural entre vós
e amá-lo-eis como a vós mesmos...*

דומכ ותוא בהאתו דברקב יעבט ומכ יהיה דתיא רגש רזה ...

Índice

PREFÁCIO • 9

PRÓLOGO • 17

RENA • 19

TYLICZ • 27

ESLOVÁQUIA • 55

AUSCHWITZ • 79

BIRKENAU (AUSCHWITZ II) • 123

STABSGEBAÜDE - Alojamentos do Pessoal • 229

NEÜSTADT GLEWE • 287

EPÍLOGO • 299

AGRADECIMENTOS • 313

BIBLIOGRAFIA • 317

Prefácio

O coração é grande, portanto não odeio.

Odiar é deixar Hitler vencer.

Rena Kornreich Gelissen

— **O** que é que isto tem a ver consigo? Esta foi a pergunta que a mulher me fez, quando estávamos no terraço de um prédio de Brooklyn a desfrutar de um churrasco e a comemorar o lançamento deste livro, há vinte anos. Ela acabara de me ser apresentada como sendo alguém importante na comunidade do Holocausto (não vou dizer quem) e a sua pergunta deveu-se, sem dúvida, ao facto de eu ser uma gentia americana – uma *shiksa*, imaginem! – que acabara de ser coautora deste livro.

Até àquele momento, nunca me ocorrera que o Holocausto fosse algo que devesse ser privado ou que não pudesse ser partilhado pelo resto do mundo.

Quando estava a escrever a primeira edição era demasiado pobre para viajar até à Polónia e, depois de o livro ser lançado, em 1995, apesar de ter sido convidada por Peter Matthiessen e pelos Zen Peacemakers para fazer a viagem até Auschwitz, não me senti mental ou emocionalmente pronta para a realidade física do campo. Demoraria quase outros vinte anos até estar pronta. Em 2012 fiz finalmente a viagem, indo primeiro a Poprad, na Eslováquia, onde teve origem o primeiro transporte

de 998 raparigas¹. Cheguei na véspera do septuagésimo aniversário da partida do primeiro transporte daquela estação de comboios e descobri que não era a única a recordar aquelas raparigas. Havia velas, flores e pedras colocadas sob uma placa comemorativa que dizia: *Neste local ficava a estação ferroviária a partir da qual, a 25 de março de 1942, partiu o primeiro transporte para o campo de extermínio de Auschwitz levando mil raparigas judias eslovacas.* O septuagésimo aniversário do primeiro transporte foi um evento sem precedentes na Eslováquia. O governo patrocinou um comboio comemorativo que transportou sobreviventes, estudantes e académicos; até a primeira-ministra eslovaca, Iveta Radičová, e o vice-primeiro-ministro, Jan Figel, viajaram de Poprad até Oświęcim, na Polónia, em homenagem àquelas raparigas. Em grande parte da Europa Oriental a história do primeiro transporte é amplamente reconhecida, mas, mais do que uma vez, encontrei pessoas no Ocidente que não fazem ideia de que o primeiro transporte de judeus para Auschwitz foi composto inteiramente por mulheres, assim como os quatro primeiros transportes a partir da Eslováquia. A 3 de abril de 1942, 4760 mulheres judias tinham sido registadas em Auschwitz.

Outra coisa aconteceu na noite em que cheguei à estação de comboios em Poprad, na Eslováquia. Descobri a família de Adela Gross e eles descobriram-me. A família sobrevivente de Adela fazia uma viagem anual a Poprad para homenagear a sua irmã e tia de dezassete anos que desaparecera em 1942. No septuagésimo aniversário, descobriram finalmente o que aconteceu a Adela em Auschwitz – setenta anos depois – e tudo por causa deste livro.

Desde a minha viagem, em 2012, encontrei outras famílias cujas mães, irmãs e/ou primas estavam com Rena no primeiro transporte. Uma dessas pessoas conduziu-me à lista original nos arquivos do Yad Vashem, em Israel. Este documento extraordinário

¹ A história sempre referiu que havia 999 mulheres no primeiro transporte, mas quando as listas (existem duas: a lista de registo do transporte e a lista de registo do campo) foram comparadas descobri que, devido a um erro administrativo, havia na realidade 998 mulheres.

lista os 998 nomes do primeiro transporte e contribuiu para esta nova edição alargada, que reflete as mais recentes informações sobre as primeiras mulheres judias em Auschwitz. Hoje, sabemos que no primeiro transporte havia 297 adolescentes, 521 mulheres na casa dos vinte, 151 mulheres na casa dos trinta, 40 mulheres na casa dos quarenta e uma mulher (Etela Jagerova) que tinha 58 anos. Seria uma mãe ou avó a substituir a sua filha ou neta? Poderemos nunca o descobrir, mas sabemos que morreu a 5 de setembro de 1942.

Uma das revelações mais surpreendentes da lista é o facto de muitas raparigas serem parentes e é por isso que o título menciona as *Irmãs de Auschwitz*. Esta não é simplesmente a história de Rena e da sua irmã Danka. Havia muitas outras irmãs no campo: Erna e Fela Dranger, também de Tylicz, na Polónia; e as irmãs Schwarzova (Mimi, n.º 1066; Celia, n.º 1064; Regina, n.º 1065) – tendo as três sobrevivido milagrosamente.

Lydia Marek, que me ajudou a encontrar a lista através do Yad Vashem, é filha de Marta Mangelova (n.º 1741), que sobreviveu com sete das suas primas porque uma delas foi nomeada responsável de um bloco e conseguiu levar a família para o bloco e cuidar dela. Existem outros exemplos surpreendentes de sobrevivência, mas a vida de muitas das raparigas retiradas às suas famílias em março de 1942 terminou em Auschwitz.²

Então, por que razão é que esta história é tão importante hoje? Porque é que devemos prestar atenção à história destas jovens mulheres? O que é que isto tem a ver consigo? Espero que ao ler este livro encontre a resposta a estas perguntas.

Desde 1995, tal como Rena, muitos outros sobreviventes escreveram relatos de sobrevivência ao Holocausto a fim de transmitirem as suas histórias às gerações futuras. Entre estes testemunhos, a história de Rena continua a ser única, não só pelo período de tempo em que permaneceu nos campos, mas porque

² Embora os registos de óbito das mulheres não tenham sido mantidos com precisão e os Registos de Óbito de Auschwitz tenham sido parcialmente destruídos, sabemos hoje que mais de duzentas mulheres do primeiro transporte morreram nos primeiros seis meses em Auschwitz/Birkenau. Mais de cinquenta eram adolescentes. (Fonte: Yad Vashem e *Registos de Óbito Parciais do Campo de Extermínio de Auschwitz*)

esteve no primeiro transporte (os historiadores consideram-no agora o primeiro transporte em massa registado).³

É por causa do tempo que ela permaneceu em Auschwitz que escolhi usar notas de rodapé em vez de notas de fim para criar um cronograma. Usei este método quando estava a organizar a narrativa de Rena, a qual sem nenhum contexto histórico era impossível de situar no tempo – às vezes, a única coisa que podíamos usar para nos dar uma ideia da altura em que um evento tinha acontecido era a meteorologia. Ao fornecer-lhe a si, o leitor, um cronograma semelhante para seguir, dou-lhe uma perspetiva histórica que Rena não teve enquanto estava nos campos. Também fiz tudo o que pude para permanecer fiel às condições meteorológicas da altura – naqueles pontos em que há datas reais – e recolhi esses dados junto de registos meteorológicos históricos.

Há vinte anos, quando este livro foi originalmente escrito, não tínhamos acesso a nenhuma destas informações. Tínhamos a narrativa de Rena, o trabalho dos historiadores Danuta Czech, John Roth e Carol Rittner e pouco mais. Irena Strzelecka, então diretora de investigação do Pánstwowe Muzeum em Auschwitz, nunca tinha conhecido ninguém do primeiro transporte antes de conhecer Rena e usou partes da sua história na sua própria contribuição para *The Tragedy of the Jews of Slovakia*.

Parte dessa tragédia incluiu a venda para escravatura pelo governo eslovaco ao GPSR (o Gabinete Principal de Segurança do Reich, o *Reichssicherheitshauptamt*) e o seu subsequente desaparecimento, tanto perante a história como das suas famílias. Hoje podemos voltar a inscrever estas mulheres na história. Sabemos quem eram e podemos honrar a sua memória, recordando os seus nomes.

Entre as sobreviventes existem inúmeras histórias inspiradoras de irmãs, primas e amigas que se ajudaram a sobreviver. No entanto, esta foi, em grande parte, uma geração de mulheres que escolheram ficar em silêncio sobre as suas provações, quer

³ Pretende-se dizer o primeiro registado na «Solução Final da questão judaica» (Strzelecka, «Women»).

para proteger os filhos ou os maridos ou porque simplesmente não se desejavam lembrar dos mais de três angustiantes anos nos campos. Conheci uma dessas mulheres, casada com um rabino, que nunca disse a ninguém na sua sinagoga que tinha estado no primeiro transporte para Auschwitz.

Há muitas razões pelas quais Rena escolheu partilhar a sua história, mas, acima de tudo, ela queria homenagear todos aqueles que a ajudaram. Foi esse desejo altruísta que me levou a dedicar-me à sua história. O nosso acordo de colaboração começou com um aperto de mão e não um documento legal e, como eu era uma estudante pobre que ganhava pouco mais do que o salário mínimo numa loja de cópias, Rena e o seu marido John costumavam dar-me uma bolsa mensal de cinquenta dólares para me ajudar a pagar a gasolina do carro. Foi assim que tudo começou. Todos os sábados de manhã, depois da minha semana de trabalho regular, eu fazia uma viagem de 265 quilómetros até à casa deles e ouvia a história de Rena. Durante anos depois do lançamento do livro continuei a ir até lá para visitar Rena e o marido, em aniversários e feriados, ou simplesmente porque tínhamos saudades uma da outra.

O que Rena queria que se soubesse, mais do que tudo, foram os inúmeros pequenos atos heroicos que lhe salvaram a vida. Muitas das pessoas que a ajudaram eram camponeses, prisioneiros de guerra e gentios. Quer fosse a mulher polaca que lhe arranjou duas batatas e dois ovos cozidos durante a Marcha da Morte ou o remédio que outros prisioneiros que secavam a roupa lhe arranjaram à socapa, cada gesto foi tão importante para ela como os atos monumentais de pessoas como Oscar Schindler ou o rei da Dinamarca são para a história. A batata que a mulher polaca lhe passou furtivamente deu a Rena coragem para continuar, não apenas porque lhe deu nutrição física, mas porque lhe forneceu sustento espiritual. Aquele gesto dizia: eu vejo-te, tens fome, és humana.

Ao contar-nos a sua história, Rena também esperava que a dor da sua experiência diminuísse. Ela teve muitos pesadelos

enquanto escrevíamos o livro e costumava ligar-me logo de manhã depois de se lembrar de algum incidente que se tinha esquecido de me contar durante o nosso fim de semana juntas. A dor das suas memórias nunca desapareceu completamente, mas ela costumava observar que as notas que recebia dos leitores ajudavam. Sempre que se sentia deprimida ou triste lia-as na companhia do marido, John. Na verdade, eles costumavam ligar-me para me ler em voz alta as cartas dos fãs, juntamente com as notas pessoais que escreviam a cada pessoa. Ela assinava sempre cada uma das suas cartas aos leitores com a expressão «Com amor, Rena», frase que reimprimimos no livro. Estas duas palavras simples resumem o espírito de Rena e o que ela esperava conseguir ao contar a sua história: este livro é a carta dela para si.

Uma das minhas histórias favoritas de Rena aconteceu depois de ela ter sido entrevistada por estudantes de psicologia da Universidade de Brown.

– Senti-me tão estúpida junto de todas aquelas pessoas inteligentes – disse-me ela. – Eles perguntaram-me como ultrapassei Auschwitz e eu disse «tive bebés».

Rena não era estúpida. Podia ter apenas o oitavo ano de escolaridade e ter-se sentido constrangida com o seu estatuto de «camponesa» entre indivíduos mais instruídos, mas sabia que a única maneira de sobreviver ao genocídio era criar vida e substituir o ódio pelo amor. Esse é o seu legado para nós.

Quando Rena faleceu, em 2006, eu estava ao lado da sua cama e fiz um dos discursos no seu funeral. Sinto falta dela quase todos os dias e, onde quer que esteja, recolho pedras cor-de-rosa para colocar no seu túmulo quando a visito. Ela adorava o cor-de-rosa.

Ainda ouço a sua voz no meu coração e na minha cabeça e espero que possa ouvir a voz dela quando ler a sua história. Conhecer Rena e ajudá-la a escrever a sua história tornou-me uma pessoa melhor. Não importava quem certa pessoa fosse, Rena era sempre a primeira a defender os oprimidos. Ela sabia como o mais pequeno ato de bondade presta reconhecimento à humanidade do outro e que é por isso que a compaixão é tão importante.

* * *

– O que é que isto tem a ver comigo? – Repeti a pergunta e sorri para a mulher à minha frente, há tantos anos. – Sou uma mulher. Sou um ser humano.



A foto favorita de Rena de nós juntas, tirada na sala onde me contou a sua história.



Em 2011, foi criada a Fundação Rena's Promise como uma promessa para a criação de um mundo mais ecumênico, livre de preconceitos, racismo ou ódio. Para mais informações sobre a Fundação Rena's Promise e para ajudar a transmitir a mensagem de Rena, visite Rena's Promise em www.renaspromise.com. Aí, pode encontrar uma cronologia interativa sobre as mulheres em Auschwitz, o nosso blogue com os aniversários históricos e informações sobre o Projeto Promise, tudo dedicado a aumentar o nosso conhecimento sobre o que aconteceu às primeiras mulheres em Auschwitz.